**Revista Espaço do Currículo**
ISSN 1983-1579
Doi: 10.15687/rec
http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php

10.15687/rec.v19i3.80114
ARTIGO

# PEDAGOGIAS DAS FRONTEIRAS E COTIDIANOS: CONVERSAS ENTRE CONFIGURAÇÕES URBANAS, PRAIANAS E SERRANAS

## BORDER PEDAGOGIES AND EVERYDAY LIFE: CONVERSATIONS AMONG URBAN, BEACH, AND HIGHLAND SETTINGS

## PEDAGOGÍAS DE LAS FRONTERAS Y COTIDIANOS: CONVERSACIONES ENTRE CONFIGURACIONES URBANAS, PLAYERAS Y SERRANAS

Antonio Jorge Ferreira Severino[1] 0000-0003-4517-1789
Márcia Baiersdorf[2] 0000-0002-6028-5031
Valeria Milena Rohrich Ferreira[3] 0000-0002-8096-2175

[1] Universidade Federal do Paraná – Curitiba, Paraná, Brasil; antonio.severino@ufpr.br
[2] Universidade Federal do Paraná – Curitiba, Paraná, Brasil; marcia.baiersdorf@ufpr.br
[3] Universidade Federal do Paraná – Curitiba, Paraná, Brasil; valeriarohrich@gmail.com

**RESUMO:**

O artigo analisa a Pedagogia das Fronteiras como um processo educativo amplo que se tece nos cotidianos de três configurações territoriais: Fortaleza (litoral/praiano), Curitiba (urbano) e Piraquara (serrano/campesino). A partir de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Observatório de Culturas e Processos Políticos-Pedagógicos (OCUPP) e do subgrupo TECI (Território, Educação e Cidade), o texto investiga como as fronteiras espaciais, simbólicas e climáticas ensinam hierarquias e exclusões, ao mesmo tempo que são subvertidas por táticas cotidianas de resistência. Inspirados em Michel de Certeau e nos estudos com os cotidianos, os autores mobilizam os conceitos de táticas e estratégias para compreender como crianças, jovens, adultos e idosos inventam maneiras de driblar as pedagogias excludentes. O artigo argumenta que as fronteiras físicas e simbólicas se constroem mutuamente, e que a crise climática aprofunda as desigualdades já existentes, mas também escancara as injustiças e convoca à ação. Diante do avanço de agendas conservadoras na América Latina e no Caribe, a Pedagogia das Fronteiras apresenta-se como uma resposta cotidiana, forjada nas brechas e nos gestos miúdos. O texto defende que a educação, se quiser ser viva, precisa aprender com os saberes que já existem nas ruas, nos campos e nas praias, e se abrir para uma pedagogia das táticas, dos entre-lugares e das reinvenções cotidianas.

**Palavras-chave**: currículo; pedagogia das fronteiras; cotidianos; América Latina.

**ABSTRACT:**

This article analyzes the Pedagogy of Borders as a broad educational process woven into the everyday lives of three territorial settings: Fortaleza (coastal/beach), Curitiba (urban), and Piraquara (mountainous/rural). Based on research developed within the Observatory of Cultures and Political-Pedagogical Processes (OCUPP) and the TECI subgroup (Territory, Education, and City), the text investigates how spatial, symbolic, and climatic boundaries teach hierarchies and exclusions while simultaneously being subverted by everyday tactics of resistance. Inspired by Michel de Certeau and everyday life studies, the authors mobilize the concepts of tactics and strategies to understand how children, youth, adults, and elderly people invent ways to bypass exclusionary pedagogies. The article argues that physical and symbolic boundaries are mutually constructed, and that the climate crisis deepens pre-existing


**RECEBIDO**: 20/08/2026 **APROVADO**: 23/09/2026 **PUBLICADO**: 23/11/2026

inequalities while laying injustices bare and calling for action. Facing the advance of conservative agendas in Latin America and the Caribbean, the Pedagogy of Borders presents itself as an everyday response forged in the cracks and minor gestures. The text argues that education, if it is to remain alive, must learn from the knowledge already existing in the streets, countryside, and beaches, and open itself up to a pedagogy of tactics, in-between spaces, and everyday reinventions.

**Keywords:** curriculum; border pedagogies; everyday life; Latin America.

**RESUMEN:**

El artículo analiza la Pedagogía de las Fronteras como un proceso educativo amplio que se teje en los cotidianos de tres configuraciones territoriales: Fortaleza (litoral/costera), Curitiba (urbana) y Piraquara (serrana/campesina). A partir de investigaciones desarrolladas en el ámbito del Observatorio de Culturas y Procesos Político-Pedagógicos (OCUPP) y del subgrupo TECI (Territorio, Educación y Ciudad), el texto investiga cómo las fronteras espaciales, simbólicas y climáticas enseñan jerarquías y exclusiones, al mismo tiempo que son subvertidas por tácticas cotidianas de resistencia. Inspirados en Michel de Certeau y en los estudios con los cotidianos, los autores movilizan los conceptos de tácticas y estrategias para comprender cómo niños, jóvenes, adultos y ancianos inventan maneras de eludir las pedagogías excluyentes. El artículo argumenta que las fronteras físicas y simbólicas se construyen mutuamente y que la crisis climática profundiza las desigualdades ya existentes, al tiempo que evidencia las injusticias y convoca a la acción. Ante el avance de agendas conservadoras en América Latina y el Caribe, la Pedagogía de las Fronteras se presenta como una respuesta cotidiana, forjada en las brechas y en los gestos mínimos. El texto defiende que la educación, si quiere mantenerse viva, necesita aprender de los saberes que ya existen en las calles, en los campos y en las playas, y abrirse a una pedagogía de las tácticas, de los entre-lugares y de las reinvenciones cotidianas.

**Palabras clave:** currículo; pedagogías de las fronteras; cotidianos; América Latina.

# Introdução

Há uma sabedoria que diz que os pés conhecem antes do que a cabeça. E é justamente com essa sabedoria que nos guiaremos por este texto, nos deslocando não só geograficamente, mas também por outros modos de pensar. Imaginamos contribuir para o debate sobre currículos e disputas de sentido na América Latina e no Caribe a partir da compreensão de que os territórios produzem fronteiras — espaciais, simbólicas e climáticas —, que operam como pedagogias. Estas pedagogias, verdadeiros currículos não restritos ao espaço escolar, são produzidas nas tramas dos territórios, ensinando quem pertence e quem não pertence ao espaço, quem pode circular e quem deve permanecer à margem. Mas, ao mesmo tempo, provocam que seus *praticantespensantes* (Oliveira, 2012) reinventem tais currículos, criando táticas de resistência que transformam as fronteiras em espaços de criação e insurgência.

Assim, em meio ao avanço de agendas neoconservadoras e de pânicos morais que buscam restringir a diversidade e os direitos das minorias políticas, este texto, ao conversar com três configurações distintas — a de Fortaleza, de Curitiba e de Piraquara —, revela insurgências

miúdas, mas persistentes, que questionam essas pedagogias das fronteiras, reinventando diariamente outros currículos vividos.

Tanto as andanças quanto as trilhas deixadas dizem coisas sobre o cotidiano: falam do calor que sobe do asfalto recém-pisado, da sombra que falta, do vento que não chega. Falam do frio que atravessa a pouca roupa e ensina a encolher-se no banco de ônibus que vira abrigo improvisado. Falam da água que submerge memórias, do barro que vira lama, da comida que alimenta e da terra que sustenta. Todas essas espacialidades são produtoras de significados e sentidos que ensinam coisas.

Foi caminhando por esses chãos que nossas perguntas começaram a ganhar forma. Não num gabinete, nem diante de uma tela de computador, mas nas areias da praia de Fortaleza, onde o mar avança e recua ensinando sobre os limites que nunca são fixos; nas ruas da Curitiba urbana, onde a garoa fina ensina a andar mais depressa; nas estradas rurais de Piraquara onde jovens percorrem o amanhecer para chegar à escola. Essas andanças são, ao mesmo tempo, pesquisa e aprendizagem, e nos levam ao território fértil de invenções cotidianas que nos interessa compreender.

Para percorrer esses territórios, ancoramo-nos em um referencial teórico-metodológico filiado aos estudos com os cotidianos, que tem tradição de pesquisar com os *praticantespensantes*. Nilda Alves (2001) ensina a importância de compreender os cotidianos, incluindo o escolar, a partir de redes educativas, entendendo-as como múltiplos e complexos *espaçostempos* em que ocorrem processos de aprendizagem e formação. Essas redes não são apenas formais, pois se constituem de teias de interações, saberes e práticas que os sujeitos tecem e articulam em suas vidas diárias, seja na escola ou nos espaços públicos da cidade e do campo. A essa compreensão, somamos a inspiração de Certeau (1998), que nos mostra como os praticantes do espaço calculam táticas diante das estratégias do mais forte. Não tendo poder nem lugar próprio, esses praticantes precisam produzir no espaço do outro, movendo-se nos interstícios e aproveitando as brechas que encontram no espaço disciplinado e quadriculado dos estrategistas. Nesse universo situamos nossos sujeitos de pesquisa: crianças, jovens, adultos e idosos que, na cidade e no campo, inventam maneiras de driblar as pedagogias excludentes.

Os materiais empíricos mobilizados neste artigo resultam de um conjunto de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Observatório de Culturas e Processos Políticos-Pedagógicos (OCUPP) e do grupo TECI (Território, Educação e Cidade), entre os anos de 2017 e 2026. Reunimos observações participantes, conversas informais e registros em diário de campo, desenhos e fotografias produzidos por crianças, jovens e pesquisadores, em projetos de pesquisa e extensão, além de conversas com moradores idosos e adultos de Fortaleza (CE), Curitiba (PR)

e Piraquara (PR). A maioria dos participantes foi informada sobre os objetivos da pesquisa e assinou o Registro de Consentimento Livre e Informado (RCLI), sendo garantido o anonimato. Nos casos de produções infantis, obtivemos autorização prévia das famílias e da escola. Cabe registrar que as pesquisas realizadas em Fortaleza (Severino, 2026) e Piraquara (Baiersdorf, 2024) foram submetidas e aprovadas por Comitê de Ética em Pesquisa, enquanto algumas das investigações conduzidas em Curitiba, as mais antigas (Cabrera, 2017; Fiorese, 2019; Ferreira; Fiorese, 2021), não passaram por essa instância, uma vez que, no período em que foram realizadas, tal submissão não era obrigatória (mas a Secretaria Municipal da Educação de Curitiba as autorizou e houve assentimento de crianças, jovens e famílias). Já as de 2022 para frente, passaram pelo referido comitê. E ainda, é preciso mencionar, sobre o projeto "Conhecendo Piraquara", que foi conduzido no âmbito da Secretaria Municipal de Educação, sob a supervisão da professora formadora Adriana de Souza Alves, que se tornou fonte documental da pesquisa de Baiersdorf (2024). A reunião desses materiais com configurações tão heterogêneas busca, por um lado, a riqueza das diferentes linguagens, temporalidades e espacialidades e, por outro, destacar semelhanças quanto a certos modos de criação de barreiras e limites que aqui se propõe pensar.

De início, propomos pensar que as estratégias de poder são criadoras de pedagogias espaciais, ou seja, de modos de ensinar a ser, habitar, a se deslocar, a ocupar espaços culturais e de lazer e, enfim, a viver. Há aí, portanto, uma Pedagogia das Fronteiras, que estabelece limites e exclusões, embora também possa ensinar sobre acolhimento e inclusão, produzindo, neste caso, ensinamentos táticos. Os espaços de fronteiras com todas as suas pedagogias se movimentam sempre na tensão e na relação com essas duas possibilidades.

Compreendemos a Pedagogia aqui como um processo educativo amplo, formador de aprendizagens, corporalidades, sensibilidades, temporalidades e espacialidades e, principalmente, tecida nas tramas relacionais tanto na escola, quanto em instituições culturais e de lazer (bibliotecas, circos, praças, parques etc.) e na vida cotidiana.

Pensando ainda nas espacialidades, reposicionamos a própria noção moderna de fronteira que demarca quem é o eu e que é o outro (o dentro e o fora), o que implica em pensar também na possibilidade da sua própria dissolução, pois na pós-modernidade as fronteiras "mudam de lugar, ou se apagam, ou se pautam por critérios cambiantes, ou se estabelecem por relações complexas" (Veiga-Neto, 2002, p. 173). Daí ser a Pedagogia das Fronteiras, necessariamente no plural, pois na prática social as relações de poder traçam os movimentos segundo "[…] a capacidade diferencial de criar lugares, de mudar de lugar, de escapar, de adiantar, de atrasar, de entrar e de sair que divide os que 'podem mais' daqueles que 'podem

menos'; que divide os que estabelecem 'onde estão as fronteiras' daqueles que se submetem a tais fronteiras" (Veiga-Neto, 2002, p. 173). Assim, a Pedagogia das Fronteiras opera com os cotidianos, nessas múltiplas direções: na dobra entre temporalidades, por entre estratégias e táticas e produzindo negociações e limites cambiantes.

Tendo isso em mente, avançamos com Certeau (1998) desde as bordas até o centro das lógicas sociais, onde as muitas e microbianas táticas mobilizam "um cálculo que não pode contar com um próprio, nem, portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível [...] A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância" (Certeau, 1998, p. 45).

É aí que reside o centro de nossa aposta. Porque se há uma pedagogia que aprisiona, que ensina hierarquias e exclusões, há também uma outra que se forja nas brechas, nos gestos miúdos e nas táticas e em que crianças, jovens, adultos e idosos aprendem a lidar com a desigualdade, fazendo dessa lida, a matéria-prima para o viver. Ela se expressa no plantar uma árvore onde o asfalto parecia reinar absoluto; no ocupar um espaço abandonado e transformá-lo em morada provisória; no organizar um mutirão, uma roda de conversa, uma moda de viola à beira do fogo. Gestos que não anulam o frio ou o calor, mas que transformam a própria pele em território de resistência.

Os três territórios que percorremos, Fortaleza (litoral/praiano), Curitiba (urbano) e Piraquara (urbano/serrano/campesino), são exemplos das tensões que marcam a América Latina e o Caribe hoje: a desigualdade escancarada, a segregação socioespacial, a crise climática que atinge com mais violência quem já tem menos e o avanço de agendas conservadoras que tentam endurecer fronteiras, calar diferenças e impor uma visão homogênea de mundo. Nossas pesquisas têm mostrado que esses processos se encarnam em corpos, territórios, cotidianos.

Diante disso, organizamos três eixos de análise, que compreendemos como interdependentes e que atravessam os contextos de diferentes pesquisas que trazemos aqui para conversar: as fronteiras espaciais, em suas dimensões tridimensionais; as fronteiras simbólicas e linguísticas, com ênfase na fala das crianças, nas memórias dos mais velhos e na linguagem das ruas; e a crise climática como fronteira, compreendendo como as condições do clima atuam como barreiras e como pedagogias.

## Fronteiras espaciais tridimensionais

As fronteiras espaciais em Fortaleza não se limitam às linhas do mapa ou aos muros que separam bairros. Elas se estendem em três direções: na vertical, pelos desníveis geográficos da cidade que ensinam hierarquias; na lateral, distinguindo seu lado nobre do lado popular; e nas

barreiras físicas que interrompem percursos e confinam corpos. Cada uma dessas dimensões ensina, em silêncio, que o espaço não é neutro. Ele carrega lições sobre pertencimento e exclusão, sobre quem pode subir e quem deve ficar embaixo, sobre quem merece ser visto e quem deve permanecer oculto.

Em Fortaleza, a altura ensina. Não apenas pelo tamanho dos prédios, mas por seus desníveis e elevações. No século XIX, o Passeio Público foi concebido como um espaço de lazer que, em sua arquitetura, já ensinava onde cada um deveria estar. A praça era dividida em três pavimentos, cada um ocupado por uma classe social. No topo, o andar arborizado, sombreado e fresco, vigiado pelo baobá que ainda hoje se ergue como testemunha viva da história, era reservado à elite. Nos níveis intermediários, a classe média. No patamar inferior, quase no nível do mar, entregue ao sol e ao pó, as classes populares. O desnível ensinava, pelo chão, em pedra, que o lugar de uns era acima e o de outros embaixo. A sombra ensinava que ela não era para todos.

Outro território onde a dimensão vertical se torna lição visível é o Cemitério São João Batista, o mais antigo da cidade. Lá, a arquitetura fúnebre funcionava como um espelho da cidade dos vivos. O contraste espacial era nítido. De um lado, ocupando a área de maior prestígio junto aos portões principais, a antiga elite cearense perpetuou seu poder em mausoléus imponentes, com túmulos elevados por escadarias, adornados por arte e protegidos do calor pelas sombras. Do outro lado do mesmo cemitério, as famílias empobrecidas depositavam seus mortos em túmulos ao nível quase do chão, inteiramente expostos ao sol e à rápida erosão do tempo. E uma rápida visita ao cemitério hoje, continua a nos oferecer uma lição pedagógica amarga de que em Fortaleza, até a morte possui uma geografia vertical. O cemitério continua operando seus ensinamentos.

E essas lições verticais não ficaram só no passado. Elas se repetem, atualizadas e mercantilizadas, na arquitetura contemporânea da cidade. Hoje, a própria legislação urbana endossa essa assimetria, ao permitir, mediante o pagamento de taxas adicionais, a construção de superprédios na orla que rasgam os limites originais de altura. É no topo dessas estruturas monumentais, que superam 50 andares, que se oferece aos moradores o privilégio da vista panorâmica, da brisa marítima ininterrupta e da sombra das varandas. Lá em cima, o frescor e a exclusividade são direitos adquiridos, lá embaixo, nas ruas estreitas e sem arborização das periferias, o calor vindo do asfalto ensina que há corpos destinados a suportá-lo.

Se a dimensão vertical ensina hierarquias, a dimensão lateral ensina pertencimentos. Fortaleza é uma cidade de lados. O lado leste concentra os bairros de maior renda, a orla valorizada e os equipamentos culturais. Os lados oeste e sul abrigam as periferias populares, os

conjuntos habitacionais e as áreas de ocupação. E essa lição se aprende desde cedo. Os moradores da periferia sabem que a praia que aparece nas propagandas não é a que frequentam. Que o ônibus que tomam todas as manhãs atravessa uma fronteira invisível, uma linha que separa o lado oeste do lado leste, o lado onde a cidade cuida, do lado onde a cidade se esquece.

Além das dimensões vertical e lateral, Fortaleza é uma cidade de barreiras físicas que interrompem percursos, confinam corpos e ensinam fronteiras. Muros, avenidas, canais, viadutos, todos esses elementos funcionam como pedagogias materializadas que dizem, em silêncio, até onde se pode ir. Os muros dos condomínios fechados que se multiplicam pela cidade são a barreira mais evidente. Ensinam que há um lado de dentro e um lado de fora. Dentro, a segurança, a sombra, o lazer, o frescor, o *"residence club"*. Fora, o risco, o sol, a insegurança. Esses muros não são apenas físicos, são simbólicos. As avenidas que cortam a cidade também funcionam como barreiras: a Avenida Beira-Mar, que margeia a orla, separa a cidade que se vê da cidade que não se vê; a Avenida Dom Manuel separa bairros nobres de bairros populares. Atravessar essas avenidas não é apenas mudar de rua, é mudar de mundo.

Mas se as fronteiras espaciais em Fortaleza são lugares de exclusão e confinamento, elas também são zonas de transição, de criação, de resistência. É na borda, no limite, na margem, que os sujeitos inventam táticas de atravessar, de driblar, de subverter, de abrir brechas. Os muros altos dos condomínios podem separar, mas as crianças das periferias aprendem a brincar nos muros mais baixos e nas calçadas. As avenidas podem ser barreiras, mas os pedestres aprendem a atravessar nos momentos de menor fluxo ou abrir caminho em grupo. Os paredões de concreto podem esconder a vista do mar, mas os moradores do Pirambu aprendem a encontrar suas próprias janelas para o oceano.

O Passeio Público, que no século XIX ensinava hierarquias verticais, hoje tem sua topografia subvertida pelo uso cotidiano. O pavimento mais elevado mantém-se como espaço de passeio e sombra, entregue ao uso comum. O patamar intermediário transformou-se em território de segurança e controle, abrigando o quartel do Exército. Já o inferior foi apagado pela concretagem da avenida Leste-Oeste, onde a cidade passa, mas não para. O chão ainda conta a história de uma cidade desenhada em andares, mas o peso opressor dessa arquitetura foi subvertido pela caminhada tática do cotidiano.

Em Curitiba a Pedagogia das Fronteiras também é múltipla e tridimensional. Fundada no final do século XVII, foi por muito tempo uma vila sem muita importância, com pouco ouro encontrado nos garimpos e com atividades agrícolas e de pecuária pouco competitivas em relação a outros núcleos maiores. Embora tenha assim nascido, a capital gosta de contar uma outra história, a da prosperidade. Para isso, veio invisibilizando a população negra,

romantizando a indígena e centrando-se na história dos imigrantes europeus (e, mais recentemente, incluíndo asiáticos). Os espaços urbanos contam esta história até hoje por meio de seus parques, portais, museus e mídias, além de ocorrer pela via do currículo escolar (Ferreira, S., 2022). E há um cuidado maior com bairros situados ao norte e região central da cidade sendo que muitos deles fazem parte do seu eixo turístico. É nesta região, portanto, que se encontram moradores com maiores rendimentos em comparação com o Sul e principalmente com o extremo sul (incluindo o sudoeste e o sudeste). Assim, a capital do Paraná vem produzindo fortes forças centrífugas, que empurram um índice cada vez maior de pessoas pobres, negras, mães solos, para moradias mais baratas, nas margens da cidade ou na direção sul. E por outro lado, alimenta forças centrípetas, concentrando em núcleos de boa infraestrutura, em geral na região norte-central (mas podendo ocorrer em partes específicas de bairros do Sul, embora em menor quantidade), um índice maior de pessoas brancas, com maior escolaridade e renda (e dentre elas, também as que gostam de continuar reforçando uma Curitiba "praticamente europeia").

A Pedagogia das Fronteiras é, portanto, sempre *espaçotemporalcurricular.* Isso fica bem demonstrado quando Curitiba ensina às suas crianças, desde muito cedo, quem frequentará o propagado lazer dos bons parques e seu íntimo contato com a natureza, além de seus teatros, museus e pontos turísticos famosos (Ferreira, S., 2022) e quem se situará a grandes distâncias e/ou não terá esse mesmo currículo urbano e com justiça espacial (Ferreira; Fernandes, 2023).

Mas há resistências microbianas a essas grandes barreiras curitibanas e ainda um questionamento sobre qual currículo é esse veiculado pelos parques (em geral, em homenagem aos imigrantes europeus) e museus da cidade (que dialogam muito pouco com os saberes periféricos). Santos, M. C. (2023) estudou a configuração urbana do *slam poesia*[1] e demonstrou que a geografia declamada pelas letras é outra. A "perifa", a "quebrada", "o fundão", "o lonjão", "a beirada", são locais em que outras epistemologias se formam. Outros sentidos de cidade denunciam como essas pedagogias operam (o ônibus que demora, a falta de instituições públicas em regiões distantes, a fala preconceituosa do prefeito sobre pessoas pobres etc). A própria tática dos/das *slammers* — muitos deles/delas pretos e pretas, pobres, periféricos e periféricas, LGBTQIA+, surdos/surdas entre outros — é a de se posicionar nas cenas centrais urbanas, de ganhar visibilidade pela arte, de declamar em voz alta as suas denúncias.

Mas as Fronteiras podem ser também altimétricas. É diferente ver o mundo lá de cima,

[1] *Slam* é uma competição de poesia falada, geralmente realizada em espaços públicos. No Brasil, os *slammers* têm se multiplicado nas periferias urbanas, articulando arte, política e denúncia social.

como na cidade de Bauci de Calvino (1990), em que os moradores têm tudo o que precisam nas alturas e raramente colocam os pés no chão, e que foi tão bem materializado pela foto a seguir, tirada pela pesquisadora Rojanira dos Santos (2023). Estudando a relação de adolescentes com um parque situado ao norte da cidade (Figura 1) observou que, enquanto a elite moradora dos prédios de luxo quase não era vista utilizando o parque, os moradores próximos, em geral de classe média, só o utilizavam durante a semana, pois aos sábados e domingos o parque era considerado como "invadido" por pessoas "de fora" (pessoas da região metropolitana que faziam outros usos, como jogar bola, fazer piqueniques em família, escutar música alta). Também consideravam os "carçudos" ou os participantes de Rap (da "Batalha do Bacacha") como não representativos do cotidiano do bairro, como ocorria durante a semana (uso para caminhadas com roupas *Activewear*, passeios com *pets*, exercícios nos aparelhos do parque etc.).

**Figura 1:** Vista do Parque Bacacheri



Fonte: Santos, R. R. (2023)

Outra fronteira altimétrica pode ser vista na fotografia realizada por John Fiorese (2019) em seu estudo com crianças do bairro Cajuru, demonstrando como elas viam um espaço importante de comércio do bairro — o Shopping Jardim das Américas —, a depender de estarem localizadas na parte superior da região (já compreendida como sendo o bairro Jardim das Américas, com um índice maior de famílias de classe média) ou na parte de baixo (bairro com um maior índice de famílias de classe popular, o Cajuru). Assim, enquanto as primeiras tinham uma determinada perspectiva e paisagem do local (imagem à esquerda), além de uma possibilidade de acesso rápido e seguro (tanto a pé quanto de ônibus ou carro), as segundas

(imagem da direita), como mostra a Figura 2, praticamente eram impedidas de acessá-lo se não fosse de carro, devido às barreiras ocasionadas pela BR 277 e pela falta de outros acessos ágeis e seguros. Aqui, a tridimensionalidade da Pedagogia das Fronteiras, entre altimetrias e injustiças *espaçotemporais*, demarca duras aprendizagens.

**Figura 2:** Vista do Shopping Jardim das Américas dos bairros Jardim das Américas (à esquerda) e Cajuru (à direita)



Fonte: Fiorese (2019).

As fronteiras de Piraquara também são tridimensionais, desenhando-se em torno das malhas rodoviárias, a leste e oeste pela BR 277 e no sentido norte-sul pela BR 116, como pertencente ao segundo anel metropolitano de Curitiba. O Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social a considera de alta integração com a capital, o que denota sua reticularidade.

Porém, essa rede se constitui ao longo do tempo por sobreposições lineares, a partir de eixos de mobilidade pendulares. O trem de cargas e os anéis viários interligam pontos periféricos de toda a Região Metropolitana e desviam o fluxo de mercadorias contornando Curitiba. Todos os dias, há o ir e vir de pessoas e serviços, percorrendo em linha reta os municípios com os quais Piraquara faz fronteira direta: ao norte Quatro Barras, ao sul São José dos Pinhais, a Oeste Pinhais e a Leste Morretes, cidade interposta para o litoral paranaense.

Suas linhas *espaçotemporais* traçam histórias de um passado recente, através de núcleos de povoamento em sucessivas levas migratórias. Primeiro, em torno da construção da estação ferroviária (1880-1885), quando vieram operários e comerciantes, deslocando o centro que teria sido na Região Serrana, conhecida como Nova Tirol, de migração italiana. Memórias de uma cidade fechada, nos tempos em que a única linha era a estrada de ferro, como lembra o idoso Batista: “Piraquara ficou uma cidade fechada porque os políticos não queriam abrir a Estrada do Encanamento. Foi indo até que abriram a estrada (construída em 1925 para levar água a

Curitiba). E Piraquara começou a crescer".

Nos anos 1920, catarinenses descendentes de alemães ocuparam o Guarituba Redondo (pelo formato circular dos loteamentos), levando leite de carroça para Curitiba. Entre 1970 e 1990, novas migrações se concentraram às margens da Rodovia do Encanamento, mais próxima da capital. A mobilidade continuava difícil, e até 1990 o trem de carga também era usado como transporte humano. "Eu pegava esse trem. Trabalhei no Jardim Social, no Alto da XV e em vários prédios", relata Nair. Há nisso uma Pedagogia que ensina o corpo a se sacrificar, saindo cedo e voltando tarde. "O ônibus só ia até a entrada do São Roque. Porque era só barro... As pessoas pegavam o trem às quatro da manhã para ir para Curitiba trabalhar", lembra Irene.

Fronteira situada nesse entremeio, submissa à capital, que se desenha nas bordas da cidade dormitório e se estende às entranhas campesinas desde a origem do município. Algo que se repete na relação com o interior de Piraquara, nas áreas onde hoje estão os mananciais represados, que alagaram terras e abriram a estrada hoje percorrida pelo transporte escolar. "Foi triste. Quase de acabar com a gente. Morei 55 anos lá. E o meu marido nasceu e criou-se e morreu ali", recordou a idosa Margarida.

Lição que se repete hoje. A baixa mobilidade espacial ensina a submissão desta região metropolitana, pelo peso do isolamento. Sob efeitos exponenciais negativos, avança a mancha urbana do centro para as bordas, força centrífuga que amplifica o que ocorre na periferia curitibana e alcança Piraquara, sobretudo no bairro do Guarituba, hoje o mais populoso, na divisa com Pinhais, ocupado pelo movimento migratório intensificado desde as décadas de 1970 e 1990, com a chegada de nordestinos vindos de São Paulo e do interior do Paraná. Hoje, há nova leva migratória nos mesmos termos com a presença de venezuelanos e haitianos.

A espacialidade assimétrica produz movimentos pendulares entre as fronteiras (dentro e fora; rural e urbano). Na relação com a capital, o rural vai se tornando urbano, aglutinado em bolsões de pobreza. Cidade erma e dormitório, impelida a atravessar a madrugada: de carroça; bicicleta; vagões de carga; ônibus lotado enfrentando distâncias para servir, para trabalhar como babás, domésticas, pedreiros, leiteiros, agricultores. Estratégia que se repete junto à população serrano/campesina que também percorre distâncias para estudar, levar a roupa para consertar "em Piraquara", ou estudar na escola de ensino fundamental "da Capoeira" (de matagal). Como se Piraquara fosse outro território (toca do peixe) e talvez o seja, como lembram os primeiros povos, remanescentes da aldeia Araçai, da etnia Mbyá guarani, localizada próxima ao Morro do Canal.

Como testemunha, o bairro São Roque, onde fica o leprosário instituído por políticas higienistas da década de 1920 e o Educandário São Francisco destinado à "adolescência

infratora" desde os anos 1950, escolha que se deu, segundo Colombo (2006), por sua localização de fácil acesso e ao mesmo tempo erma. Sob a mesma imposição, a partir dos anos 1970, no entorno da Colônia Penal Agrícola, famílias da população carcerária se instalaram, formando bairros como a Vila Militar. Mesma década em que é inaugurado o hospital psiquiátrico San Julian, ainda ativo. Já o outro hospital, que até os anos 1990 atendia a população em geral, está em ruínas, e a população é atendida em Unidades de Saúde sem possibilidade de internamento. Em Piraquara, até para nascer é preciso se deslocar.

A Pedagogia das Fronteiras expõe as tensões do que se passa na trincheira: segundo o estrategista, afastar o que incomoda, isolar e impor a servidão, mas no correr da vida cotidiana, os táticos se misturam, constroem casa no banhado, pescam na Barragem, compartilham a televisão com a vizinhança, caçam tatu e lagarto "com licença dos ambientalistas", conforme disse Tibúrcio, desde 1977, na Vila Macedo. Nas áreas de ocupação mais recente, as crianças brincam nas cavas d'água (pequenas escavações ou depressões que acumulam água), e nas regiões serrano-campesina sobem na pedra para ver a barragem do quintal, reinventando o espaço a cada dia.

Até pouco tempo não havia parque, mas nos últimos dez anos surgiram dois, um em Piraquara e outro em Pinhais. Mesmo assim, a população continua aos finais de semana indo a Curitiba povoar o Barigui, pois nem sempre o deslocamento é trabalho. Talvez como fizeram os moradores mais antigos, com suas bicicletas que percorriam distâncias para rezar o terço com as moças e, depois, convidá-las para dançar. "De 1955 pra 1960 tinha muita bicicleta. E de bicicleta nós viajávamos. Fazíamos piquenique. A gente ia até o aeroporto. Ia pra trás de Piraquara. O espaço era curto, sabe? Então fazíamos tudo de bicicleta", recorda o idoso Johann.

## Fronteiras simbólicas e linguísticas

Se as fronteiras espaciais se materializam em muros e desníveis elas também produzem e são produzidas por fronteiras simbólicas e linguísticas que se inscrevem nas palavras, nas imagens, nos nomes e nos silêncios. Em Fortaleza, a linguagem ensina, em cada placa e anúncio, que há lugares para uns e lugares para outros. Essa pedagogia opera de forma sutil, basta uma palavra para demarcar uma fronteira, basta um nome para dizer, em silêncio, que aquele lugar não é para você.

Fortaleza tem assistido a uma profusão de empreendimentos que se autodenominam com termos importados. Supermercados que antes eram apenas "mercados" agora se intitulam *"conceito"*, *"gourmet"* ou *"premium"*. Lojas se apresentam como "*boutique"*. Padarias se chamam *"artesanais"*, ainda que o pão seja o mesmo.

Os bairros também carregam uma fronteira linguística. Os nomes dos bairros nobres e de maior renda como Meireles, Aldeota, Cocó, Dionísio Torres, demarcam uma cartografia do prestígio. Dizer que se mora no Meireles não é apenas informar um endereço, é anunciar uma posição social. O mesmo ocorre com nomes do norte global, designando condomínios fechados de alto padrão, como forma de sofisticação, segurança e exclusividade ("*Residence", "Park", "Ville", "Club").* Em contrapartida, os nomes de bairros localizados nas periferias carregam outros sentidos. Evocam distância, adensamento, ausência. Dizer que se mora no Bom Jardim é dizer que se faz parte de uma massa, de uma multidão. É dizer, em uma palavra, que se mora no *"vixe"*, expressão que condensa a distância e o estigma de quem habita os lugares que a cidade elegeu para esquecer.

Há também outras linguagens inscritas nas falas e nos corpos que habitam as periferias. A forma de falar, de vestir, de se comportar torna-se alvo de estigmatização, como nos "rolezinhos" de *shoppings*, que ensinam que a mera reunião de jovens periféricos é lida como ameaça. Tomado pela mídia e transformado em sinônimo de invasão, desordem ou tumulto, fazendo com que seguranças sejam acionados e portas sejam fechadas.

Os preços e suas linguagens também ensinam fronteiras. Os supermercados *"conceito"*, onde *"orgânico", "importado" e "artesanal"* justificam preços e excluem. Enquanto isso, o feirante anuncia "batata, batata, batata doce!" em uma linguagem direta.

E há ainda lugares distantes que não se deve nomear ou que ganham termos genéricos, como "área de risco", "comunidade carente", "região periférica". A linguagem que as nomeia já as define pela falta, pelo que elas não têm. E isso tudo quando não se faz ainda um silêncio total sobre essas regiões, sendo o silêncio uma fronteira linguística tão poderosa quanto qualquer muro.

Mas se a linguagem é usada para excluir, também é usada para resistir. Os movimentos sociais criam novas palavras para nomear suas lutas. *"Ocupação"* deixa de ser apenas um termo técnico e se torna palavra de ordem. *"Mutirão"* não é apenas esforço coletivo, mas afirmação de comunidade. Pessoas usando camisetas com três Ps (Sou Preta, Pobre, Periférica com orgulho!) reafirmam e empoderam seus lugares e identidades. A linguagem política, forjada na luta, ensina uma pedagogia que não exclui, mas inclui. A periferia assim pode ser "meu lugar". As palavras, como os muros, podem ser subvertidas pela invenção cotidiana.

As fronteiras assim se dão pelas expressões, nomeações e silêncios, mas também por meio de fofocas, boatos ou relatos sobre os lugares. Em uma das pesquisas em Curitiba, do OCUPP/TECI, em conversa com um casal, sobre os usos que sua filha fazia da cidade e do bairro, a mãe contava como a ensinava sobre os cuidados ao fazer o caminho casa-escola e de

até onde a filha poderia ir no bairro. Explicou o caso "da menina da mala" em que uma criança foi pega a caminho da escola, estuprada, morta, colocada em uma mala e deixada na rodoviária da cidade. Isso mostra o quanto a Pedagogia das Fronteiras é também generificada.

No uso de seus territórios cotidianos, as meninas contavam (bem mais do que os meninos) sobre outros personagens urbanos que as preocupavam e que operavam barrando a sua circulação: *"o motoqueiro tarado", "o carro que ronda a escola", "os nóia", "os véio que ficam mexendo com a gente"; "os véio do bar"* (Cabrera; Ferreira; Ferreira, 2019). Mas, como as fronteiras são esses espaços móveis de interstícios e de dúvidas — entre "eu passo ou não passo em frente ao bar", "eu vou ou não vou por ali" —, as meninas já têm bem arquitetado antes mesmo de sair de casa, como vão se mover e agir: o plano se alguém as abordar, é o de usar tudo o que podem para sair da situação (gritar, arranhar, "usar as unhas e dentes"); andar perto dos comércios e mais longe dos carros; não aceitar doces de estranhos. E há um índice grande de meninas que também fazem aulas de luta e defesa pessoal (Ferreira; Fiorese, 2021) para se defenderem se alguém as "agarrar".

É, portanto, desse entre-lugar que as crianças se posicionam, resistem e denunciam, contando, desenhando, cartografando. Em uma pesquisa geral realizada com crianças da rede municipal, em vários desenhos sobre o bairro (Ferreira, V., 2022), as crianças fizeram questão de indicar lugares em que era preciso ter mais atenção: o ferro velho, os bares, determinadas esquinas, as biqueiras e bocas (pontos de venda de drogas), as vias rápidas enormes e movimentadas, as casas cheias de proteção (muitas grades e cachorros no cuidado ativo das casas). E nos contavam também sobre uma série de artimanhas e negociações que utilizavam para sair do olhar constante de familiares, conquistando a cada novo dia um pouco mais de autonomia para as saídas sozinhas ou com irmãos e amigos: "só vou ali pertinho"; "eu vou com o…", "ontem você deixou"; "ano que vem vou ter que ir mesmo" (de ônibus para a escola).

Assim, quer sejam boatos (mais totalizantes e anônimos) ou relatos (mais diversificados e autorais), pensando no sentido certeauiano (1998), essa fofocaria construída sobre os lugares cria barreiras, mas também pode ser negociada como táticas que arrastam as fronteiras para mais longe, esticam limites, constroem pontes. Não se trata, portanto, de grandes revoluções, mas de revoluções diárias como formiguinhas, movimentos em *slow motion*, com gestos baixinhos, recuos astuciosos e avanços sempre em negociação.

Esses "entre-lugares" em que fronteiras simbólicas e linguísticas se tornam constituintes e constituidoras de territórios, também são encontradas em Piraquara, presentificada pelos laços de pertença e intergeracionais. Em uma pesquisa realizada com grupos de crianças da escola de ensino fundamental da Capoeira, na Região Serrana-campesina dos mananciais (Baiersdorf,

2024), elas foram provocadas a registrar por meio de fotografias, durante uma semana, o ir e vir para a escola e o que quisessem informar sobre os seus afazeres e invenções cotidianas. E, no âmbito extensionista, desenharam os trajetos da casa até a escola. Duas delas faziam o percurso a pé, pois moravam próximo, mas a maioria passava até duas horas e meia (ida e volta) em deslocamento na estrada da Barragem, aquela mesma que corta a represa que inundou as terras da idosa Margarida.

Podemos pensar o lugar tal como Viñao Frago (1998, p. 61), construído "a partir do fluir da vida e a partir do espaço como suporte". Para ele o espaço "está sempre disponível e disposto para converter-se em lugar, para ser construído". O entre-lugar aqui está relacionado às experiências narradas a partir do diálogo com as crianças e suas produções, e também, ao intergeracional, demonstrando o processo de conversão de espaço em lugar, pelas diferentes infâncias da Região e na medida em que viabiliza também, nas narrativas do presente, algo que perpassa as famílias instaladas lá há mais tempo ou vindas de recentes migrações.

Por esta perspectiva, a pedagogia das fronteiras se situa em um entre-lugar que move um passado-presente de interações das crianças com os adultos e idosos e no território que vai sendo vivenciado e modificado com estas memórias e práticas cotidianas. Do "antestempo" anunciado pelo idoso Picusso até aquele agora das crianças pesquisadas, foi possível cartografar, a partir de suas explicações, como agiam no espaço e com seus afetos.

Os lugares surgiam das mais diferentes maneiras, remetidos às táticas miúdas das crianças. Gustavo, do terceiro ano, observa de cima: "Da minha casa dá pra ver a escola bem do alto. Às vezes fico espiando o recreio da tarde", uma lição de altimetria aprendida no cotidiano. Luciana, do quarto ano, afirma seu pertencimento: "Moro desde que nasci neste lugar". Flávio, também do quarto ano, confidencia o isolamento da vida na chácara: "Não tem quase nenhum vizinho perto". Carolina, do quinto ano, inventa um lugar dentro de casa: "O clubinho (que é a estante da sala) é onde eu coloco as minhas coisas... Só dá confusão quando entram uns papagaios pela janela". E Alice resume o sentido de toda essa pedagogia das fronteiras: "Aqui antes era um terreno baldio e agora é um campo que a gente zela, porque é o único lugar que a gente pode brincar livre e espontaneamente sem precisar pagar".

No desenho, tal senso se renova nos mapas de conexão do trajeto entre a casa e a escola. Duas crianças demonstram o seu repertório vivido e como o percebem. Usam o desenho como representação de sua realidade. Daniel (Figura 3) trouxe para o seu mapa a verossimilhança com a vista aérea, o que denota senso de localização e representação. Quando chamado a explicar o seu mapa, verbalizou sua percepção e reconstruiu, com nitidez, seu espaço vivido.

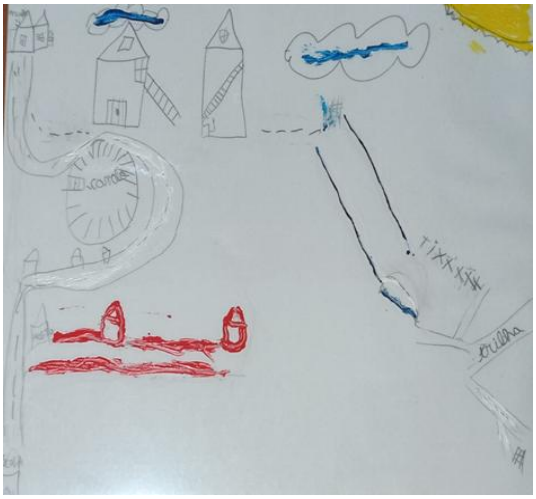
**Figura 3:** Desenho do Daniel em comparação com a vista aérea da Região



Fonte: Acervo do projeto de extensão Experiência e práticas escolares em tempos e espaços ampliados: como participam os alunos? (UFPR, 2019).

Karina (Figura 4) dá bastante destaque ao pátio da sua própria morada, enfatizando a área em que os cavalos são domados, nomeada "redondela" e registrando os galpões em que eles dormem, pinta de azul o rio que passa atrás e o nomeia por meio do que seria o som da água "tixxx", perto da trilha. E, alinhado à rua, mais à direita, acima, desenha a casa onde mora e, à esquerda, quase pra fora da folha, a escola. O convívio próximo com diferentes elementos da natureza (árvores, rio, diversos animais), e o que ela conta sobre seu cotidiano, demonstra uma forma de habitar muito sensível às questões ambientais, essencial para a vida, como veremos na próxima seção.

**Figura 4:** Desenho Karina pátio de casa até a escola




Fonte: Acervo do projeto de extensão Experiência e práticas escolares em tempos e espaços ampliados: como participam os alunos? (UFPR, 2019).

## A crise climática como fronteira

Em Fortaleza, o clima transcende a condição de mero fenômeno meteorológico. É uma fronteira que ensina, separa e hierarquiza. O calor se materializa no corpo que transpira, na pele que queima, na tontura que anuncia a hora de buscar abrigo. A cidade, porém, distribui esse

desconforto de forma desigual, transformando o clima em mais uma pedagogia da exclusão.

Para quem habita os bairros nobres de Fortaleza como o Cocó, o Meireles, o Fátima, a Aldeota ou o Dionísio Torres, o calor é uma experiência mediada. O ar-condicionado funciona como uma bolha térmica que isola o calor do lado de fora. As varandas dos apartamentos na orla capturam a brisa marítima sem deixar que o sol penetre. Os jardins arborizados dos condomínios oferecem sombra e frescor. O calor, nesses espaços, é um incômodo administrado, uma sensação que se resolve com o toque de um botão.

Já para quem habita as periferias, o calor é uma experiência direta e implacável. Sem árvores, sem ventilação, sem isolamento térmico, as casas de alvenaria expostas funcionam como fornos. O sol bate nas paredes o dia inteiro, e o calor acumulado só começa a dissipar na madrugada, quando o corpo já está exausto. As ruas estreitas e sem arborização canalizam o ar quente, criando verdadeiros corredores de calor. Dormir e trabalhar são um desafio. Viver é uma negociação constante com a temperatura. Essa desigualdade térmica não é, portanto, natural, é produzida. Tudo isso compõe uma pedagogia climática que ensina, em graus Celsius, quem pode escapar do calor e quem deve suportá-lo.

A força dessa percepção ficou evidente durante uma atividade realizada com discentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola no Conjunto Ceará, território profundamente marcado pelo adensamento e pela distância da orla. Uma jovem estudante, ao ser perguntada sobre o que transformaria em seu bairro, respondeu sem hesitar: “mais árvores, porque aqui o sol é mais forte, parece que não gosta da gente”. Logo depois, um rapaz, lembrando do longo trajeto de ônibus que faz todos os dias até o trabalho, completou: “A gente só vê calçada com sombra de árvore grande quando desce lá pelas bandas da Aldeota. Aqui no Conjunto, a gente anda espremido no muro pra tentar fugir do sol” (Severino, 2026, p. 88). Mais do que desabafos, essas falas atestam a eficácia de uma pedagogia excludente. Revelam como esses jovens e adultos aprenderam, marcados no corpo pela geografia da cidade, que o direito ao frescor e ao lazer obedece a fronteiras muito bem delimitadas.

As chuvas em Fortaleza também ensinam fronteiras. Quando chegam, as águas revelam com violência o que a cidade seca esconde. Os bairros nobres, com infraestrutura de drenagem e escoamento, suportam os temporais sem grandes danos. As ruas asfaltadas e com declividade adequada conduzem a água para longe. As casas com lajes impermeabilizadas e boas calhas protegem seus moradores. Já as periferias, sem drenagem, sem asfalto, sem infraestrutura, transformam-se em rios. A lama escorre pelas ruas, invade as casas, destrói o que encontra pela frente. As enchentes são uma pedagogia brutal, ensinando que a água que irriga e refresca os bairros nobres torna-se ameaça e destruição nos bairros pobres. A mesma chuva que molha a

orla e é celebrada como tempo bom, bonito transborda nas periferias e é vivida como tragédia.

Diante desse cenário, os *praticantespensantes* das periferias de Fortaleza inventam táticas cotidianas de sobrevivência climática. Reorganizam os horários, acordando antes do sol para realizar as tarefas pesadas e concentrando as atividades ao ar livre no início da manhã ou no fim da tarde, pois o meio-dia é tempo de pausa e espera. Buscam sombras precárias em toldos, marquises e muros, compensando com engenhosidade a falta de árvores. Usam a água com criatividade — baldes para molhar o chão, panos molhados nas janelas — amenizando o calor com recursos escassos. Constroem casas com telhas de barro, paredes brancas, beirais largos e janelas voltadas para a brisa, num saber prático transmitido entre vizinhos. Essas táticas se multiplicam em hortas comunitárias, que criam microclimas e alimentam, e em mobilizações por infraestrutura, drenagem e arborização. A luta climática, em Fortaleza, é uma urgência concreta por justiça, dignidade e sobrevivência.

Em Curitiba não é diferente. Ou melhor, embora diferente em termos de temperatura, os problemas climáticos também se avolumam. Nos invernos da capital, as desigualdades tornam nítido quem passa frio em casa e quem pode ter um aquecedor elétrico para se aquecer ou, minimamente, janelas com boa vedação contra a chuva e o vento. As poucas casas com o antigo fogão à lenha são uma tática que funciona e aquece boa parte do ambiente. Já nas mais ricas ou de classe média, pode-se contar com aparelhos de ar condicionado quente/frio, um lençol térmico ou boas camadas de edredom para dormir. E meias quentes, sapatos fechados e uma jaqueta grossa não são baratos e acessíveis a todos.

Sobre as chuvas, assim como em Fortaleza, as famílias pobres de Curitiba sofrem durante boa parte do ano. Embora muitos dos rios mais importantes da cidade a cortem de norte a sul, não por acaso, são as famílias do Sul (de bairros onde há um índice maior de famílias com menores salários, mães solos, pessoas negras) as que mais sofrem com enchentes e inundações, o que pode ser caracterizado, inclusive, como racismo ambiental (Bullard, 2004; Krenak, 2022). E as crianças contam bem sobre essa situação. Willan, morador de um bairro do extremo sul, explica para o pesquisador (Cabrera, 2017, p. 33): “Entrou um monte de água assim, que tava acho que desse tamanho aqui a enchente” (mostra com as mãos a altura em que estava à água). E Luana: “Eu morava em outra casa e tinha um monte de pantanal assim e alagou tudo lá e ficou com um monte de minhoca, e chegou até a minha casa e eu não consegui ir pra escola”.

Piraquara repete Curitiba em relação ao frio extremo, sendo em regra cerca de 3 ºC mais fria que a capital e até mais do que isso na Região Serrana, onde há uma melhor preservação ambiental, mas as florestas espessas ajudam a diminuir mais a temperatura. E quando se

compara a capital com a sua Região Metropolitana, esta última agrega ainda mais problemas com as chuvas e enchentes, pela grande concentração urbana e de ocupação (bolsões de pobreza), nas fronteiras entre elas. Isso se dá porque Curitiba, como uma grande gentrificadora, vai empurrando as populações pobres cada vez mais para fora de seus domínios. Assim, em Piraquara também há desigualdades internas, pois há locais em que se vive sob condição de pobreza, mas não de miséria, sobretudo quando se tira o sustento da terra, dos bichos e plantas. A longevidade tem se mostrado fator que faz com que o Índice de Desenvolvimento Humano Geral do município seja considerado alto. Mas, por outro lado, há regiões, como a de Guarituba por exemplo, em que os problemas se avolumam. Há várias formas de violência, exposição a doenças e, os serviços públicos e as redes de proteção e assistência, ainda são insuficientes.

Nestes locais há efeitos de uma necropolítica (Mbembe, 2018), ou seja, uma política em que o Estado decide quem pode viver e quem deve morrer, legitimando a destruição de populações por ação direta ou negligência. Assim, pessoas negras e pobres são as que mais sofrem e morrem pela violência policial e pelo narcotráfico e em territórios com alto índice de homicídios. Há ainda nestes locais, pessoas habitando moradias instáveis, de paredes finas de madeira ou alvenaria e pessoas em situação de rua ou que moram junto de seus carrinhos de reciclagem de papel.

Nessas condições, os eventos climáticos extremos são uma ameaça ainda maior à vida. Nas áreas mais afastadas, é preciso lembrar das crianças e jovens que precisam percorrer o caminho a pé, diariamente, com o frio e geada, ou daquelas que, mesmo antes de nascer o sol, já esperam o ônibus escolar nas paradas sinalizadas nas estradas de chão. E em dias de chuva, de galocha, as famílias aguardam suas crianças de guarda-chuva, ou na troca de turno escolar as conduzem até o ônibus.

Em meio a esses dispositivos de violência, as famílias usam suas táticas de resistir, o que pode significar trabalhar para melhorar a qualidade de vida, apesar dos percalços, como exemplifica Zé Coelho, ao lembrar da construção do campo de futebol na Vila Macedo, em Piraquara: “reunimos um pessoal e fomos para o banhadão. Fizemos valeta. Uma drenagem meio doida. Roçamos, queimamos e fizemos o campo. No dia da inauguração o pessoal estava atolado até o joelho [risos]” (Piraquara, 2007).

## Do chão às brechas: considerações finais

Ao longo deste artigo, percorremos três territórios e suas fronteiras. Fortaleza com seu sol e sua sombra, Curitiba com seu frio e suas vias expressas, Piraquara com suas águas

represadas e intensa expansão urbana. O que os três eixos mostram é que as fronteiras espaciais, simbólicas e climáticas não operam isoladamente, mas se produzem e reproduzem. Uma via expressa, um equipamento público mal localizado, uma política de transporte que atende uns e abandona outros, tudo isso vai sendo justificado pela linguagem que vai também produzindo e condenando os corpos. A palavra cria o muro e o muro cria a palavra.

Essa relação de influência mútua entre as fronteiras é o que talvez mais importa reter. Não se trata de uma hierarquia entre o que é físico e o que é simbólico, mas de compreender que a pedagogia das fronteiras opera em todas essas dimensões ao mesmo tempo. O paredão de concreto que esconde o mar de quem mora do lado de lá é também uma palavra que diz "você não pertence aqui". É também um projeto urbanístico que constrói o muro, que desvia o ônibus, que não planta árvores, que não coloca placas com o nome das ruas. Fronteiras físicas, simbólicas, linguísticas, climáticas se imbricam, e é nessa construção que a exclusão se torna tão difícil de desfazer.

Os três eixos analisados mostram também que a crise climática não é um fenômeno à parte. Ela se soma às desigualdades já existentes e as aprofunda. O calor que chega forte nas periferias, o frio que não encontra abrigo, as chuvas que transbordam sem drenagem, tudo isso é a materialização mais cruel das fronteiras que a cidade já havia desenhado. Mas é também nesse cenário de urgência que as táticas de resistência se multiplicam, como vimos nas sombras improvisadas, nos mutirões que constroem campos de futebol no banhado.

Diante desse cenário, a aposta deste artigo é que a educação pode ser outra coisa. Não a educação que ensina a aceitar o lugar que lhe foi destinado, mas aquela que ensina a desconfiar das fronteiras, a reconhecer que o espaço que exclui pode ser reinventado, a palavra que estigmatiza pode ser transmutada e o calor que oprime pode ensinar a resistir. A Pedagogia das Fronteiras, como aqui a compreendemos, é a da tensão e do movimento, é a da imposição tanto quanto das táticas, dos gestos miúdos, das revoluções microbianas. Seus *praticantespensantes* não esperam que as estruturas de poder se desfaçam de uma hora para outra. Aprendem a agir nas brechas, nos interstícios, nos entre-lugares.

Essa reflexão se conecta diretamente à ementa deste dossiê, que nos convida a pensar nas tensões curriculares produzidas a partir dos enfrentamentos às agendas da extrema direita na América Latina e no Caribe. A Pedagogia das Fronteiras que descrevemos é uma resposta cotidiana a essas agendas. Enquanto a extrema direita tenta endurecer fronteiras, calar diferenças e impor uma visão homogênea de mundo, os *praticantespensantes* que habitam as bordas de Fortaleza, Curitiba e Piraquara inventam táticas de deslocamento, reinventam palavras, constroem sombras, criam comunidades. Eles e elas ensinam que a luta por um mundo

mais justo não acontece apenas nas grandes arenas políticas, mas também nas calçadas, nos roçados, nos pontos de ônibus. A escola, se quiser ser viva, precisa aprender com esses saberes, precisa se abrir para as pedagogias que já existem nas ruas, nos campos, nas praias. Porque a educação não acontece somente nas escolas, mas também nos territórios cotidianos, podendo ser o nome que damos à luta por um mundo mais fresco, mais sombreado, mais vivo, mais justo, mais nosso.

**Referências**

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. *In:* OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda (org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13-24.

BAIERSDORF, Márcia. **Educação integral**: notas sobre a participação de crianças na experiência de mais tempo de escola. Curitiba: Appris, 2024.

BULLARD, Robert Doyle. Enfrentando o racismo ambiental no século XXI. *In*: ACSELRAD, Henri; HERCULANO, Selene; PÁDUA, José Augusto (org.). **Justiça ambiental e cidadania**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. p. 41-66.

CABRERA, Luiz Henrique Vignola. **Crianças do Rio Barigui**: percepção e espaço vivido. 2017. 114 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

COLOMBO, Irineu. **Adolescência infratora paranaense**: história, perfil e práticas discursivas. 2006. 315 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

FERREIRA, Solange Pacheco. **Cidade, infância e educação**: uma análise dos programas curriculares da Rede Municipal de Ensino relacionados à mobilidade espacial de crianças na cidade de Curitiba – 2016/2020. 2022. 238 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich. **Tecendo o território**: paisagens de denúncia e desmistura social em desenhos de crianças sobre o bairro. **Pro-Posições**, Campinas, v. 33, e20210037, 2022. DOI: 10.1590/1980-6248-2021-0037. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pp/a/n6ck4jh3XLc8wVpkSJftcLx/. Acesso em: 17 out. 2026.

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich; FERNANDES, Sonia Maria. **Infância e justiça espacial**: desigualdades inter e intrabairros no uso da cidade por crianças da rede municipal de ensino de Curitiba. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 39, e32985, p. 1-19, 2023. DOI: 10.1590/0102-469832985. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edur/a/rS9m9pZ5Tgt9qf6pMpt7XFk/. Acesso em: 17 out. 2026.

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich; FIORESE, Sabrina. 'Elas ficam meio injustiçadas': infância, gênero e desigualdade em bairros de Curitiba. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 24, n. 43, p. 230-258, 2021. DOI: 10.34019/2447-5246.2021.v24.32988. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/32988. Acesso em: 17 out. 2026.

CABRERA, Luiz Henrique Vignola; FERREIRA, Solange Pacheco; FERREIRA, Valéria Milena Rohrich. Boatos, relatos e barreiras invisíveis na mobilidade espacial das crianças na cidade de Curitiba. *In:* SEMINÁRIO LUSO-BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL, 5.; CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE INFÂNCIAS E EDUCAÇÃO, 2., 2019, São Paulo. **Anais [...].** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em: https://doity.com.br/anais/clabie2019/area/12517. Acesso em: 17 out. 2026.

FIORESE, John. **Infância "pra cá" e "pra lá" da linha do trem**: significados e práticas de crianças do Bairro Cajuru. 2019. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **O currículo como criação cotidiana**. Rio de Janeiro: Faperj, 2012.

PIRAQUARA (PR). Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. **Conhecendo Piraquara**. Piraquara, PR: Secretaria Municipal de Educação, 2007. 1 DVD.

SANTOS, Márcia Cristina. **"Da ponte pra cá é outras ideia"**: cidade, educação e desigualdades nas configurações sociais de jovens poetas das periferias urbanas brasileiras. 2023. 320 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023.

SANTOS, Rojanira Roque dos. **Bullet time no Bacacha**: aprendizagens de adolescentes e jovens na configuração do Parque Bacacheri. 2023. 285 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023.

SEVERINO, Antonio Jorge Ferreira. **Da sotavento à insurgência: vento, raça e clima na produção desigual da cidade de Fortaleza**. 2026. Pesquisa de doutorado em andamento (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Experiência e práticas escolares em tempos e espaços ampliados: como participam os alunos?** Curitiba: UFPR, 2019. Projeto de extensão, registro n. 20197544.

VEIGA-NETO, Alfredo. De geometrias, currículo e diferenças. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 163-186, 2002. DOI: 10.1590/S0101-73302002000300009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/TbfZmdZvdNptVnQ3KkGv7Sg/. Acesso em: 17 out. 2026.

VIÑAO FRAGO, Antônio; ESCOLANO, Augustin. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

## SOBRE O(S)/A(S) AUTOR(ES)/A(AS)

**Antonio Jorge Ferreira Severino**. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande. Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Docente na Rede Estadual da Educação do Ceará. Currículo Lattes: https://lattes.cnpq.br/7954675541849794
**Márcia Baiersdorf.** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Docente na Universidade Federal do Paraná. Currículo Lattes: https://lattes.cnpq.br/2408431985055556
**Valeria Milena Rohrich Ferreira**. Doutora em Educação, História Política e Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente na Universidade Federal do Paraná. Currículo Lattes: https://lattes.cnpq.br/3060629046517162

## Como citar

SEVERINO, Antonio Jorge Ferreira; BAIERSDORF, Márcia; FERREIRA, Valeria Milena Rohrich. Pedagogias das fronteiras e cotidianos: conversas entre configurações urbanas, praianas e serranas. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 19, n. 3, e80114, 2026. DOI: 10.15687/rec.v19i3.80114.